

Instruções práticas para a formação de pomares em curvas de nível

PHILIPPE WESTIN CABRAL DE VASCONCELLOS

HEITOR W. S. MONTENEGRO

- 1 — Escolha do local e preparo do terreno.
- 2 — Espaçamento.
- 3 — Construção das curvas de nível.
- 4 — Coveamento.
- 5 — Plantação.

ESCOLHA DO LOCAL E PREPARO DO TERRENO

A escolha do local da futura plantação, deve merecer, por parte do fruticultor, uma especial atenção. Todos os pontos deverão ser detidamente examinados, pois o êxito comercial da cultura dependerá do acêrto desta escolha. Fertilidade, composição e propriedades físicas, especialmente estas com referência à permeabilidade, profundidade da rocha, aliadas ao clima e exposição, são fatores precípuos quando se vai iniciar uma cultura de qualquer árvore frutífera.

Escolhido o terreno, de acôrdo com as exigências da espécie que se vai plantar, providencia-se o preparo do mesmo por meio das costumeiras arações e gradagens. Estas, naturalmente, feitas em tempo próprio, isto é, com um ou dois meses de antecedência da época de plantação.

ESPAÇAMENTO

Define-se como espaçamento ou compasso, a distância entre as mudas nas linhas, e a entre estas.

O espaçamento varia muito com a espécie frutífera que se vai plantar e, dentro da mesma espécie, varia ainda com o solo, clima, tipo de poda e porta-enxêrto usado.

Há uma tendência cada vez maior para encurtar o espaçamento entre as plantas, por parte de leigos no assunto; não percebem eles que quanto menor forem o bloco de terra (fonte de alimento para cada planta) e o espaço atmosférico, menor será a produção por árvore, acompanhada de depreciações nas frutas, tais como falta de coloração, excesso de acidez, etc.

As árvores convenientemente espaçadas, produzirão maiores cargas, além de apresentarem facilidade nos tratos, tais como: adubações verdes, pulverizações e cultivos; as colheitas dar-se-ão também com mais eficiência.

CONSTRUÇÃO DAS CURVAS DE NÍVEL

Preparado o terreno e escolhido o compasso, devemos imediatamente providenciar a construção das curvas de nível. O material mais técnico consiste em um nível (de engenharia), uma mira falante e estacas (bambú). Com uma pequena inspeção do terreno, verificamos qual o maior "pano" do mesmo, isto é, qual a maior superfície do terreno em declive uniforme e no centro dêste "pano", traçamos a linha de maior declive, marcando esta com bambús, então, colocados a distâncias iguais à posição do espaçamento que desejamos entre as curvas de nível. Traçada a linha básica, iniciamos a demarcação das curvas; para tal colocaremos o nível em uma posição chave, isto é, de onde possamos traçar um número

máximo delas sem necessidade de mudança de estação, o que acarretaria uma perda prejudicial de tempo. O "nível" deverá, ainda, ser colocado mais ou menos nas proximidades do meio do terreno para que o erro, caso exista, seja igual para os dois lados. Assestado o nível, o operário que carrega a mira falante colocá-la-á junto à primeira balisa (bambú) da linha básica. Fazemos a leitura, da qual nos utilizaremos para toda a extensão da primeira curva. Nesta ocasião, o operário com a mira falante, acompanhado por outro, carregando uma braceda de estacas de bambú, caminhará para um lado e depois para o outro, contando um número de passos que corresponda aproximadamente à distância que se vai dar às plantas. É erro querer marcar nessa ocasião o lugar das futuras covas com uma trena ou corrente. Se, por exemplo, a distância entre as mudas na linha for de 7 metros, o operário que carrega a mira, contará os passos naturais que corresponderão, aproximadamente, àquele compasso. Ai, colocará a mira, subindo ou descendo, conforme determine, por meio de sinais com a mão, a pessoa que se encontra ao aparelho, até que esta verifique uma leitura igual à feita anteriormente na primeira estaca da linha básica. Esse ponto será marcado pelo operário com balisa. Assim se procede até o término da linha e nas demais, até o final do trabalho. No caso de uma linha aproximar-se ou afastar-se demasiadamente da anterior, mais do que a tolerância permitida, (aproximadamente 10% sobre o compasso), "mata-se" a mesma e inicia-se a demarcação da imediata.

Se após realizado esse trabalho, examinarmos as curvas, notaremos que elas não se apresentam com uma sinuosidade suave; possuem comumente forma irregular, com bruscas reentrâncias, determinadas por pequenos obstáculos removíveis, tais como velhos formigueiros, etc. Uma plantação de frutíferas em curvas nestas condições, além de anti-estética, dificultará demasiadamente o tratamento mecânico durante dezenas de anos. Há necessidade, então, de uma "destorção" das curvas. Essa é uma operação que deve ser realizada por pessoa

prática, que aja com critério certo, caso contrário a plantação em curvas de nível será um fracasso. Procedese da seguinte maneira : de uma das extremidades da curva que se quer "destorcer", procuram-se avistar as primeiras 4 a 6 estacas, e depois as seguintes, determinando a um operário que, de pouco suba uma estaca ou desça outra, obedecendo a um critério de justa compensação. Pelos exemplos, (fig. 3), podemos ter uma idéia da "destorção" de uma curva; a linha pontilhada corresponde à curva em que houve interferência. Muitos poderão dizer, então, que ela não será de nível. No momento, porém, da construção em certos pontos consertados, há uma insignificante diferença que, logo após a plantação e com o passar das máquinas (arados, grades, cultivadores, etc.), desaparecerá. Só agora, depois da curva destorcida, é que vamos marcar os lugares das mudas. Se as curvas têm início junto a um carreador, ou a uma cêrca, medimos sempre um número de metros igual a meio compasso, ao localizarmos a primeira muda. Esta medida é bastante necessária. Serve tanto para que as primeiras árvores não impeçam, com a metade de sua copa, carreador ou a estrada, como também para permitir a passagem das máquinas quando estas, terminando o serviço de uma linha, necessitarem passar para outra; ainda mais, com isso, poremos em igualdade de tratamento o cubo de terra correspondente a cada planta. Marca-se, desta maneira, o lugar da primeira e, a partir desta, com todo o compasso, os lugares das demais mudas de cada linha.

COVEAMENTO

Processada a marcação com estacas, do lugar das mudas, iniciamos a abertura das covas. O tamanho destas pode ser variável, sendo que, quanto maior a cova, melhor para a frutífera. Devemos, porém, levar em consideração o lado econômico : uma cova muito grande sai para o agricultor num preço bastante elevado. De um modo geral, podemos abrí-la com tamanho bastante aconselhado: 60 x 60 cms.

A abertura desta deve obedecer a certos requisitos: para não perdermos o alinhamento, colocamos a "régua de plantador" na direção da curva, fazendo que a estaca que marca o centro da cova fique colocada no recorte do meio da régua e, nos recortes das extremidades, colocamos pequenos piquetes de madeira durável. Retiramos a régua de plantador e após a marcação do local da cova, a balisa do centro. A abertura é feita comumente a enxadão; com a enxada e a pá de atêrro, esvasia-se, e com a pá reta, regularizam-se as paredes. Devemos ter o máximo cuidado em separar o solo do sub-solo. O primeiro, de regra mais escuro, será lançado à montante da cova; o segundo, no geral mais claro, sê-lo-á a jusante. De um modo geral, se não houver diferença de coloração, poderemos considerar os primeiros vinte e cinco centímetros de terra retirada, como sendo de solo e o restante, de sub-solo.

PLANTAÇÃO

É sempre aconselhável a abertura das covas com uma antecedência de 2 a 3 meses da plantação, para que as paredes das mesmas sofram uma meteorização.

A época de plantação varia com a espécie frutífera que se vai plantar. Se esta é ibernante (videira, caqui, etc.), a melhor época é aquela em que ela se encontra em repouso vegetativo, aqui entre nós julho e agosto. No caso contrário (de fôlhas persistentes) a melhor época é a de meados da primavera e início do verão, portanto, em época de chuva.

Na época adequada, então, procedemos à desplantação das mudas, do viveiro. Protegemo-las contra o ressecamento durante o transporte, cobrindo-as por meio de aniagens (sacos velhos) umedecidas. A desplantação pode ser feita, como sabemos, com torrão ou com raiz nua. Não vamos enumerar aqui as vantagens e desvantagens de um e outro processo. Diremos, porém, que quando a muda se presta para a transplantação com raiz nua, êste é o processo que deve ser usado.

A terra com que vamos encher a cova é a de solo que foi retirado e que está à montante, previamente misturada com estêrco bem curtido, 20 litros, no mínimo, e adubo químico.

A muda cuja "toillete" já foi feita por ocasião da desplantação, vai então, ser replantada. Colocamos a régua de plantador, com as respectivas soleiras, por entre os piquetes e no seu recorte central o colo da muda. Os cuidados que se devem ter nessa ocasião, são, no caso da de raízes núas: colocar-se o colo da planta na reentrância central da régua que, provida de soleira, deixá-lo-á acima do nível do solo (o que é uma boa medida profilática para certas plantas como as cítricas); em seguida, distender distribuindo bem as raízes na cova e apertar com as mãos por entre e por sobre elas, a "terra composta", com a qual se completa o enchimento da cova.

No caso de uma muda provida de torrão, colocar-se-á ao centro da cova, calça-se com a mistura até que o seu colo se nivele com a régua já referida; isso feito, retira-se o jacá, vaso ou outro envólucro com que se apresente e apertam-se camadas sucessivas de terra composta, acima citada, comprimindo-as cuidadosamente com as mãos ao derredor do torrão, afim de que êste não se esboroe.

Em ambos os casos, após o enchimento das covas, fazemos o "encaldeiramento" ou seja, uma bacia em tórno da muda para melhor contenção da água de regra. Usam-se, para isso, as eventuais sobras da terra composta e mais a proveniente da raspagem do solo das imediações. Rega-se com abundância e certa violência (usando do regador sem o crivo) afim de se aconchegar ainda mais a terra às raízes. Finca-se um bom tutor atando a êle a planta. Após isso faz-se a cobertura da cova encaldeirada, com estêrco. Na falta dêste, proceder-se-á ao empalhamento da mesma para, pelo menos, conservar-se a umidade.



Foto I — Locação dos pontos de nível, produzindo uma curva muito irregular.



Foto II — A curva de nível após a destorção.

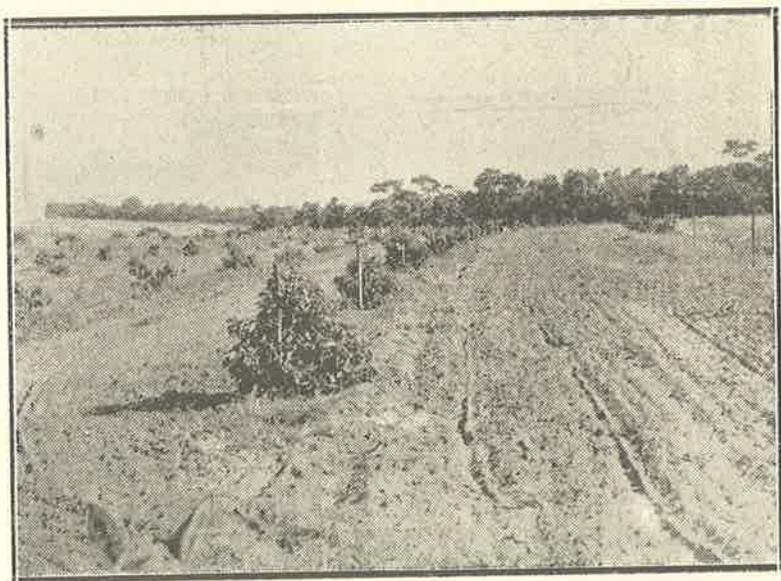


Foto III — Abacateiros plantados numa curva de nível destorcida.